



**Universidade
Federal de
Uberlândia**

**INSTITUTO DE ARTES – IARTE
CURSO DE BACHARELADO EM ARTES VISUAIS**

ALESSANDRA ANDRADE SILVA NUNES

ARTE PELOS PEQUENOS OLHOS:

desenho e arte relacional com crianças do ensino municipal da cidade do Prata, Minas Gerais

**UBERLÂNDIA/MG
2019**

ALESSANDRA ANDRADE SILVA NUNES

A ARTE PELOS PEQUENOS OLHOS:

desenho e arte relacional com crianças do ensino municipal da cidade do Prata, Minas Gerais

Projeto de pesquisa apresentado ao curso de Artes
Visuais da Universidade Federal de Uberlândia, como
requisito parcial para obtenção do título de Bacharel
em Artes Visuais.
Orientador: Profa. Dra. Tamiris Vaz.

**UBERLÂNDIA-MG
2019**

SUMÁRIO

RESUMO.....	4
ABSTRACT.....	5
1. INTRODUÇÃO / JUSTIFICATIVA.....	6
2. UMA INTRODUÇÃO À ARTE RELACIONAL (COLABORATIVA).....	9
2.1 DEFINIÇÃO.....	9
2.2 ARTISTAS NA ARTE RELACIONAL.....	12
3. INFÂNCIA.....	17
3.1 CRIANÇA E A ARTE.....	19
4. OS PEQUENOS OLHOS.....	23
4.1. FOCO INICIAL.....	24
4.2. MATERIALIDADE.....	25
4.3. APRESENTAÇÃO DO PROJETO.....	26
4.4. PRODUÇÃO.....	27
4.5. FINALIZAÇÃO DA MATERIALIDADE.....	30
5. EXPOSIÇÃO.....	31
6. CONSIDERAÇÕES.....	34
7. REFERÊNCIAS.....	38
8. REFERÊNCIAS CONSULTADAS.....	39
9. ANEXO.....	40

RESUMO

O presente trabalho aborda uma forma de incorporar a arte no cotidiano de crianças da cidade do Prata, Minas Gerais, por meio da arte relacional, desenvolvida pela própria artista e pesquisadora contando com a colaboração de crianças de uma escola municipal da cidade. Culminando em uma exposição na comunidade, essa produção foi pensada de forma que não ficasse apenas no ambiente escolar, mas pudesse ser levada para além, proporcionando aos participantes uma novidade na parte cultural e para a artista, uma nova experiência em seu meio artístico. O projeto artístico colaborativo contou com a produção de desenhos e histórias narradas ou inventadas pelas crianças tendo como materialidade placas de MDF que posteriormente compuseram cubos com arestas manipuláveis. Ao final desse processo esses cubos compuseram uma exposição onde além da participação das crianças, houve também a participação da comunidade, manuseando e recriando os objetos. Com isso, além do contato pretendido com as crianças e a comunidade em si, a pesquisa também será utilizada para futuros projetos, onde possa desenvolver um contato maior da comunidade com as artes visuais.

Palavras-chave: Arte Relacional. Desenho. Materialidade. Infância. Criação de histórias.

ABSTRACT

This paper discusses a way to incorporate an art into the daily lives of children in the city of Prata, Minas Gerais, through relational art, developed by the artist and researcher herself, with the collaboration of children from a municipal school in the city. Culminating in a community exhibit, this production was designed in a way that is not just created in the school environment, but can be taken beyond, to participate in a novelty in the cultural part and for an artist, a new experience in their artistic milieu. The collaborative artistic project involved the production of drawings and stories narrated or invented by the children, using MDF boards that later made cubes with manipulated edges. At the end of this process, these cubes make up an exhibition in which in addition to children's participation, there was also community participation, manipulation and retrieval of objects. With this, in addition to the intended contact with the children and the community itself, research will also be used for future projects, where you can develop greater community contact with the visual arts.

Keywords: Relational Art; Drawing; Materiality; Childhood; Story creation;

1. INTRODUÇÃO / JUSTIFICATIVA

A temática do presente trabalho surgiu a partir de minha vivência com meu irmão de 4 anos de idade onde, em alguns momentos, pude observar a forma como era conduzido o seu dia a dia. Por muitas vezes ele me pediu papel e lápis para que pudesse desenhar algo que tinha visto ao passear, ou que quisesse muito me contar. O desenho era uma forma fácil que ele encontrava para me passar aquilo que tinha conhecido ou visto. Em consequência disso, o interesse por um projeto artístico onde eu pudesse ter uma experiência coletiva de materialidade e diálogo artístico juntamente com crianças foi nascendo.

Com essa temática em mente, a ideia existente veio também da necessidade de levar um pouco do universo artístico à comunidade de moradores da cidade do Prata, Minas Gerais, cidade onde resido. É um cidade pequena, com uma média de 33.000 habitantes, muito conhecida na região pela festa de Carnaval que atrai bastante turistas de vários lugares, porém, um pouco escassa na produção de artes visuais numa perspectiva mais contemporânea. Recentemente foi inaugurado um pequeno museu que conta parte da história da cidade, um ótimo começo para a cidade, mas percebo que ainda falta um maior contato dos moradores com as artes visuais, através de eventos culturais que envolvam uma participação mais efetiva da comunidade. Vivenciando e observando isso surgiu, então, um meio de introduzir crianças e adultos da cidade na experimentação e relação artística, de forma participativa, tanto como colaboradores na criação dos trabalhos, quanto como público em uma exposição de arte relacional.

O intuito é fazer com que a infância seja uma experiência não só vivida pelas próprias crianças, mas também pela autora e os demais espectadores que puderam participar de forma relacional da exposição final.

Como graduanda em bacharelado, buscar referências sobre o assunto não foi tão fácil, sendo que a maioria dos trabalhos encontrados envolvendo brincadeiras e infância são oriundos da área de arte e educação. Já neste projeto, o foco é trabalhar com referências que não propõem práticas focadas na educação, mas que exploram a “prática artística” como processo de troca entre artista e participantes e, que possa me dar uma certa segurança com o que venho a trabalhar, por se tratar de um campo no qual adquiri embasamento ao longo do curso de bacharelado.

Para a fundamentação do projeto pesquisei sobre arte relacional, como a infância era vista em outros tempos e como é vista atualmente, sobre a criança e seu envolvimento com a arte e o envolvimento de artistas com a infância, pois trata-se da base de todo o processo.

A partir disto foi selecionada a Escola Municipal Professora Alice Bittencourt de Lima, da cidade de Prata, para desenvolver a ação artística 'Arte pelos Pequenos Olhos'. Essa proposta artística relacional consistiu em um trabalho entre as crianças, onde elas tiveram contato comigo enquanto artista proponente. No encontro com elas formulei uma narrativa onde expunha a necessidade de ajuda para que eu não perdesse minha condição de experiência da infância, explicando de forma lúdica como elas poderiam estar ajudando. Foram disponibilizados então, para cada criança, giz de cera e uma placa de madeira em tamanho 40x40cm, pintada com tinta esmalte acetinada branca. À partir disso as crianças fizeram suas criações baseadas no que acreditavam ser necessário mostrar para mim como artista adulta empenhada a recobrar minha experiência com a infância. Nasceram então desenhos através da narração de histórias. Para a apresentação da proposta e a execução da materialidade foram disponibilizados 15 dias. Na primeira semana, que era a semana de comemoração ao dia das crianças, fiz uma pequena visita para poder ver como as crianças se relacionavam, para conhecer o ambiente onde estaríamos trabalhando e para escolha das crianças. A ideia era trabalhar com as crianças fora da sala de aula, porém no próprio ambiente escolar para que houvesse a experiência de levar sua arte para fora e serem reconhecidos pela comunidade. Por questões de mau tempo, optamos por trabalhar na própria sala de aula. Trabalhei com a sala da professora Divina com 23 crianças participantes na faixa etária de 7 a 9 anos de idade, a sala foi indicada pela diretora Ana Lia de acordo com o que expusse a ela que gostaria de trabalhar, tanto em relação a quantidades de material, quanto a faixa etária. Cada encontro teve duração de 50 minutos a 1 hora, disponibilizados pela própria professora para que não interferisse nas demais tarefas. Na segunda semana aconteceram mais quatro encontros, sendo o primeiro para conversar e apresentar a ideia do projeto. Dois encontros foram disponibilizados para que as crianças pudessem desenvolver suas narrativas e conversar sobre elas e um último encontro foi para conversar mais um pouco sobre a participação e para o convite sobre a exposição onde os trabalhos finalizados estariam expostos.

Ao final, foi realizada uma exposição dos materiais feitos pelas crianças, na própria cidade do Prata, situada em um cômodo comercial no centro da cidade, durante 6 horas. Os visitantes puderam interagir com a materialidade, que foi disposta no local em formato de caixas com as placas de madeiras que foram feitas pelos participantes. Podendo ser trocadas de lugar

e de posição, cada narrativa se torna diferente ao inverter as posições das imagens, criando um novo cenário e uma nova história para ser imaginada.

Os objetivos principais para este projeto foram:

- Estabelecer uma forma das crianças verem que suas experimentações com arte possam ser reconhecidas para além das atividades escolares;
- Aproximar crianças e artista através da participação conjunta no projeto artístico;
- Explorar a versatilidade da minha arte;
- Trabalhar materialidades em conjunto com crianças, sem o intuito de ensinar, mas experimentando meu próprio trabalho pelos olhos infantis;
- Realizar uma exposição que possibilite uma liberdade de montagem diferente para quem está em contato;
- Possibilitar à comunidade do Prata maior contato com a arte contemporânea.

2. UMA INTRODUÇÃO À ARTE RELACIONAL (COLABORATIVA)

A escolha da arte relacional para o desenvolvimento dessa pesquisa foi importante, pois desejava um contato direto com as crianças na produção artística e do público na participação da exposição.

A seguir, trago algumas definições estudadas.

2.1. DEFINIÇÃO

O conceito de arte relacional baseia-se em fragmentos literários de artistas e teóricos que a defendem, expostos e explicados através de artigos e trabalhos que buscam da mesma forma o conhecimento sobre a prática.

No livro “Estética Relacional”, tradução de 2009, Nicolas Bourriaud definiu:

Relacional (Arte)

“Conjunto de práticas artísticas que tomam como ponto de partida teórico e prático o grupo das relações humanas e seu contexto social, em vez de um espaço autônomo e privativo.” (BOURRIAUD, 2009, p. 149)

Em outras palavras, arte relacional, é a construção poética voltada para as relações humanas e sociais. Uma busca pela reavaliação da nossa relação com o ambiente. O “artista” se torna aquele que interfere na realidade a nossa volta e ao mesmo tempo é um trabalhador do cotidiano. Com seu princípio dinâmico, as principais matérias primas são as palavras, o som e o toque. A composição em si está nas relações interpessoais e não em objetos.

Nicolas Bourriaud, curador e crítico de arte francês, destaca-se por conceituar o tema em seu primeiro trabalho, Estética Relacional, onde foca suas análises em artistas europeus do final do século XX. (WIKIPÉDIA, 2019)

A arte relacional, no Brasil, já vinha ganhando força a partir da década de 1960 – 1970 com a poética do artista brasileiro Hélio Oiticica, que nasceu em 1937 no Rio de Janeiro, foi pintor, escultor e se destacou como artista performático. (HAUPTMAN e SIEGEL, 2015).

A denominação desse e de outros artistas citados aqui como relacionais não se deu necessariamente por eles, mas podemos dizer que muitos artistas desenvolviam trabalhos com a participação direta do público, tendo as relações humanas como foco.

Oiticica, juntamente com Lygia Clark, Amilcar de Castro, Lygia Pape e Franz Weissmann, fundou o Grupo Neoconcreto, que foi pensado como um contraponto à arte concreta brasileira que se desligava das causas sociais. (WIKIPÉDIA, 2019)



Figura 1: Grupo neoconcreto: a partir da esquerda, Ferreira Gullar, Lygia Pape, Theon Spanudis, Lygia Clark e Reinaldo Jardim. Rio de Janeiro, 1959.

Fonte: <http://www.dopropriobolso.com.br/index.php/cultura-geral-80603/47-textos-escolhidos/2214-manifesto-neoconcreto-1959>

Bourriaud parece, assim, buscar uma harmonia social onde “a questão não é mais ampliar os limites da arte, e sim testar sua capacidade dentro do campo social global” (BOURRIAUD, 2009, p. 43).

Com seu trabalho, Bourriaud procura mostrar a arte relacional desenvolvida por diferentes artistas que têm em comum o contato entre as pessoas e suas obras, produzindo situações ocasionais e incomuns, que incentivem o público de alguma forma a inventar um espaço inusitado ou formas inesperadas.

Tempos depois do conhecimento de Bourriaud sobre arte relacional, surgiram nas referências dessa pesquisa dois nomes importantes em relação ao conceito: Claire Bishop, com a arte participativa e Grant Kester, com a arte colaborativa.

Claire Bishop é historiadora de arte britânica, crítica e professora de História da Arte em Nova York e conhecida como uma das teóricas centrais da participação em artes visuais e performance.

Carolina Paz (2018, p.1), ao tratar sobre o livro *Artificial Hells* (2012), de Claire Bishop, destaca :

Arte participativa exige que encontremos novas formas de análise sobre arte que não sejam exclusivamente ligadas à visualidade, mesmo que a forma permaneça sendo crucial na comunicação de sentido. (...)

Arte participativa não é um meio político privilegiado, nem uma solução pronta para uma sociedade do espetáculo, mas é tão incerta e precária como a democracia; nem é legitimada antecipadamente, mas precisa ser continuamente executada e testada em cada contexto específico.

O posicionamento de Bishop me leva a pensar sobre a relação de sua citação com o trabalho que desenvolvo, o fato dela dizer que a arte não precisa ser exclusivamente visual, relaciona diretamente com o fato de trabalhar com desenhos infantis, que não tem como prioridade a qualidade técnica e beleza. Além também de estar totalmente aberta às interferências do público em todas as etapas do trabalho.

Grant Kester é professor de História da Arte e editor fundador da *FIELD: A Journal of Socially Engaged Art Criticism*.

Carolina Paz (2018, p.1), ao tratar sobre o livro *The One and The Many* (2011), de Kester destaca:

Primeiro, as práticas contemporâneas de arte colaborativa complicam as noções de introdução de autonomia estética. Essas práticas marcam uma renegociação da autonomia estética através da permeabilidade existente entre a produção de arte e outras formas adjacentes de produção cultural e ativismo. (...)

Em questão de estética e ética, mudanças provocadas pela arte, autonomia das obras, ambos autores tocam nisso e ambos criticam bastante o conceito de Nicolas Bourriaud. Porém, Bishop defende a autonomia em expor e desconstruir estruturas sócio-políticas, já Kester se diz contrário a esta ideia, onde o importante é construir relacionamentos positivos, que seria então o verdadeiro propósito das práticas colaborativas (PAZ, 2018).

Com relação ao que é colocado, é importante entender que, o trabalho de arte é uma experiência e que são possibilidades que não necessariamente precisam solucionar problemas sociais, mas permitir essa aproximação do espectador com a arte, incentivar o contato e o sentir, para que seja um pouco “quebrado” o sentimento de apenas olhar e não sentir.

2.2 ARTISTAS NA ARTE RELACIONAL

Em nosso cotidiano, é por meio da arte que o espaço onde vivemos pode se integrar mais ao humano, aproximando-nos daquilo que vivemos no dia-a-dia. É com isso que os artistas trabalham em uma poética relacional. Todos os artistas que aqui trago apresentam, além do contato do espectador com a obra, também o contato entre participantes, onde dançam, conversam, sentem e brincam juntos. São obras colaborativas que não deixam que o espectador apenas queira olhar, mas principalmente tenham a liberdade de se comunicarem entre si e diretamente com a proposta artística.

Dando início aos artistas que dialogam com esta poética, trago o brasileiro Hélio Oiticica, já citado acima.

Através do contato com o ritmo samba, Oiticica criou o Parangolé na década de 60, que eram tecidos coloridos, com textos ou fotos, em uma espécie de capa vestível.



Figura 2: Sambistas da escola de samba Vai Vai (SP) usando Parangolés.

Fonte: <https://entretenimento.uol.com.br/arte/ultnot/2006/09/29/ult988u742.jhtm>

Ao referir-se a obra, Hélio Oiticica (MATOS, Kleyson, 2015, p 1) diz:

“O objetivo é dar ao público a chance de deixar de ser público espectador, de fora, para participante na atividade criadora”.

O participante veste a obra e a obra ganha vida através dele. Oiticica traz, com isso, a importância das manifestações artísticas como algo do cotidiano e não somente para ambientes específicos, levando, por exemplo, a periferia para dentro do museu.

O presente trabalho é voltado para essa questão de participação do público, onde o participante possa ser a própria obra, estar envolvido nela e ela ser um pedaço dele através das histórias desenhadas. As crianças colaboradoras tiveram também essa possibilidade de participar da exposição e não apenas do momento escolar.

Além dessa parte da participação, as obras também possuem a possibilidade de serem movidas, dobradas e manipuladas pelo público, o que conversa bastante com a poética da artista Lygia Clark.

Lygia Pimentel Lins (Lygia Clark), que nasceu em 1920 em Belo Horizonte, prefere que sua poética seja chamada de “propositora”. Ela participou juntamente com Oiticica do grupo Neoconcreto, a fim de estabelecer outras possibilidades para a arte brasileira.

Uma de suas obras mais famosas é a série “Bichos”, que são esculturas metálicas articuláveis através de dobradiças que proporcionam ao participante a possibilidade de criar formas, mesmo que essas não se pareçam com bichos reais. Essa série serviu de inspiração para a finalização da ação Arte pelos Pequenos Olhos.

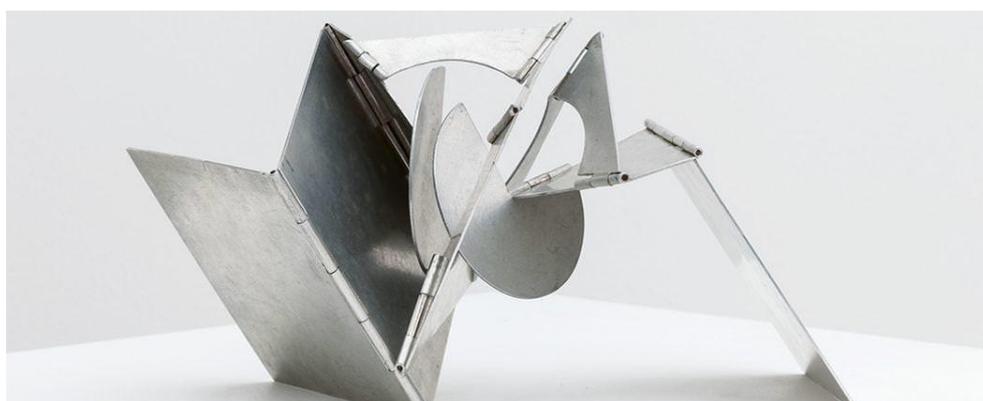


Figura 3: Lygia Clark, Bichos (1960).

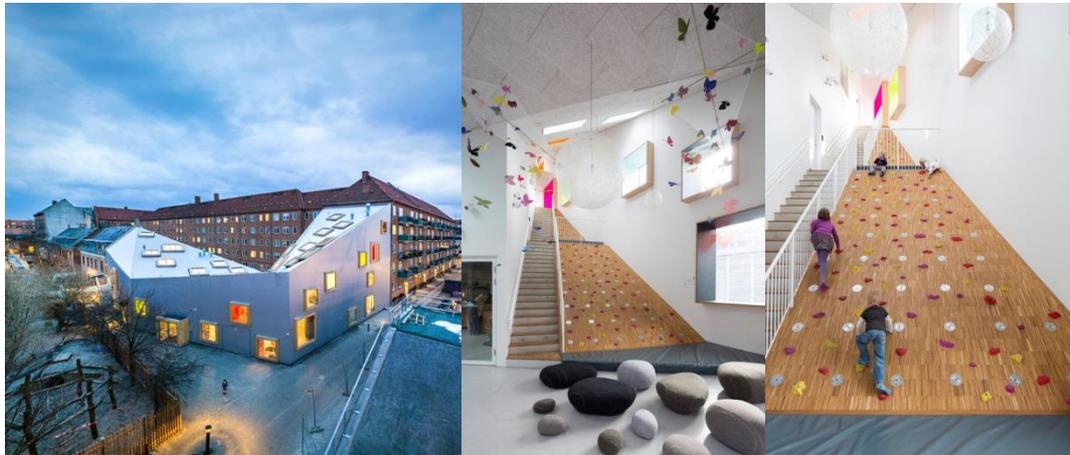
Fonte: <https://www.escritoriodearte.com/blog/artigos/bichos-obra-viva/>

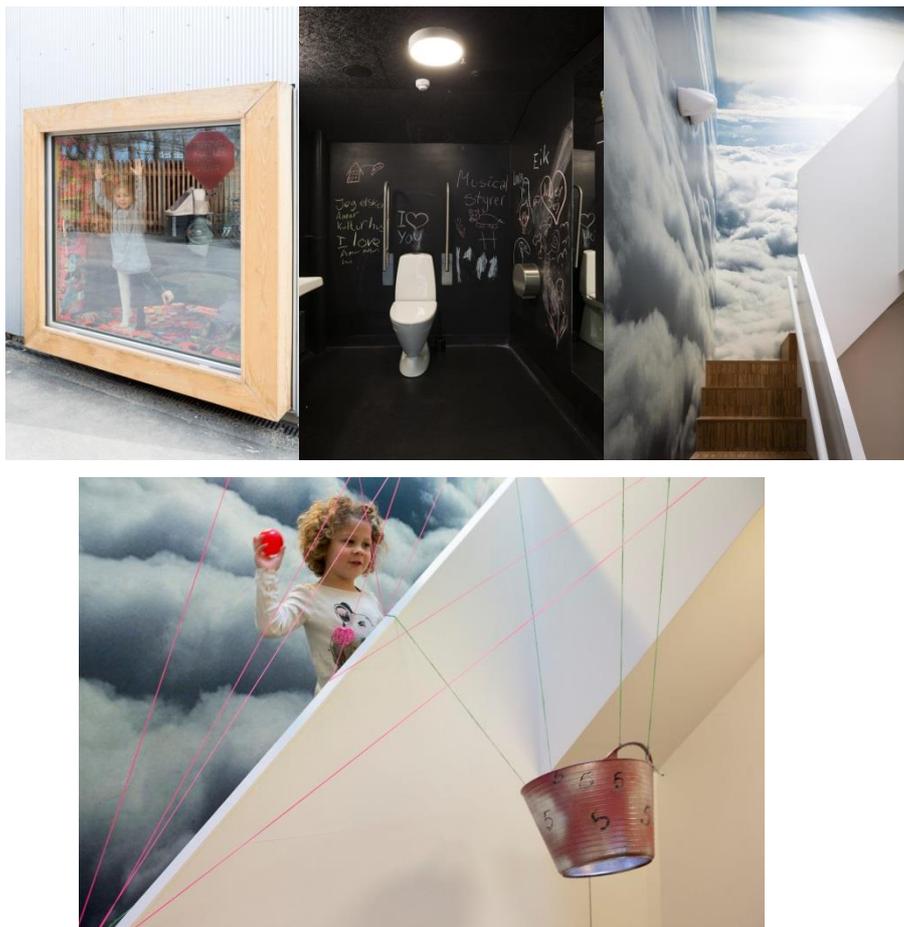
Trazer a simplicidade criativa infantil é o principal foco para o projeto e muitos outros artistas na poética relacional trabalham essa temática, a infância. De várias formas e com várias finalidades as crianças são escolhidas por seu dinamismo e por seu jeito livre de inventar e criar.

Destaco a seguir alguns artistas que abordam o universo infantil em seus processos relacionais.

Dorte Mandrup-Poulsen, nasceu em 1961 e é uma arquiteta dinamarquesa. Fundou o Dorte Mandrup Arkitekter, onde também atua como diretora, que se envolve em uma ampla variedade de projetos, como instituições culturais, edifícios para crianças e jovens, instalações esportivas, educação, habitação, edifícios de escritórios e também com renovação e alteração de edifícios históricos com lista federal.

Ama'r Children's Culture House (2013), é um projeto inovador desenvolvido por ela com a contribuição de crianças. A casa oferece espaços flexíveis e móveis personalizados que pretendem aumentar a criatividade e a participação ativa das crianças.





Figuras 4, 5, 6, 7, 8, 9 e 10: Dorte Mandrup-Poulsen, Ama'r Children's Culture House (2013)

Fonte: <https://www.archdaily.com/388629/ama-r-children-s-culture-house-dorte-mandrup>

O trabalho com crianças é realmente uma experiência única, elas percebem e exploram detalhes que passam despercebidos pelo simples fato do nosso olhar adulto muitas vezes não imaginar.

Outro artista que também merece destaque na relação com crianças é Jet Baker, ator e artista que, em 2014, usou os fundos de lucro da sua primeira obra para fundar a Share Art Heal, onde são fornecidos materiais para que pessoas de todas as idades possam ter contato com a arte de forma colaborativa.

Baker também participa como artista colaborador do projeto Art of Giving. Em sua participação, crianças pintam telas que são, no final, finalizadas pelas mãos do próprio artista.



Figura 11: Jet Baker e crianças no projeto colaborativo Art of Giving (2018)

Fonte: <https://www.creatingreallyawesomefunthings.com/collaborative-art/>



Figura 12: Obra feita por crianças e finalizada por Jet Baker no projeto colaborativo Art of Giving (2018)

Fonte: <https://www.creatingreallyawesomefunthings.com/collaborative-art/>

É de grande importância para o artista essa abertura para a criatividade, o contato com crianças ajuda para que não se mantenha apenas na zona de conforto e possibilita uma abertura maior para olhar além de apenas manchas e rabiscos. O importante é que a experiência seja

agradável e espontânea tanto para as crianças quanto para o público, deixando o traço infantil visível.

3. INFÂNCIA

Ao sentar-se em uma roda de conversa com pessoas de mais idade, muitas vezes ouvimos a seguinte frase: “As crianças de hoje em dia não são como as de antigamente” ou “Na minha época criança também trabalhava como adulto”. Em particular, por morar com a minha avó, sempre ouvi dela histórias de sua infância, em que ela perdeu os pais ainda pequena e, então, os tios (tutores) com quem ela morava, a faziam trabalhar na fazenda, os mesmos trabalhos que hoje em dia são considerados como exploração do trabalho infantil.

A infância muda com o tempo, por conta de contextos sociais, econômicos, étnicos e é notável que as crianças de hoje, no presente, não são iguais as do passado e muito menos são como as próximas que virão, mas a imagem que temos sobre crianças ao ouvir a palavra infância geralmente é de um ser feliz, delicado, cheio de vida, inteligente e inocente, em um corpo pequeno e frágil, mas com muitas possibilidades cognitivas. Isso me faz pensar em meu irmão de 4 anos. Em minha convivência com ele percebo o quanto comparo o aprendizado dele com o de outras crianças que vieram na minha família antes e até mesmo em relação a mim.

Na era medieval, a criança era vista como um “anão”, ou um adulto que ainda não cresceu. Logo, eram levadas a exercer as mesmas atividades e trabalhos dos adultos, porém com menos direitos e voz, se “transformando” rapidamente em um homem jovem. “As crianças se tornavam úteis a partir do momento em que eram inseridas na vida adulta, antes disso, sua fase infantil era insignificante e por muitas vezes até breve devido à falta de cuidados específicos.” (VIEIRA, MELO E SANTOS, 2016, p. 04)

Em artes da época, como esculturas e pinturas, podemos ver um pouco sobre a representação das crianças. É retratado um físico adulto, rostos de expressão forte e corpos musculosos, a única coisa que as diferenciava das figuras adultas era a estrutura corporal menor.



Figura 13: Giotto Di Bondone, Madona e o Menino (1320-1330)

Fonte: <https://virusdaarte.net/giotto-madona-e-o-menino/>

Entre os séculos XVII e XIX, a relação com as crianças e a infância em si teve algumas evoluções. Mesmo tendo sido um processo lento, foi sendo observada sua estrutura física nas representações visuais, a forma de falar, de agir e suas particularidades. Com isso, passaram a ter roupas específicas, diferentes das usadas por adultos e até mesmo comidas que consideravam ser mais adequadas a elas (PORTAL EDUCAÇÃO, 2013, p.01).

A partir do século XX a criança saiu completamente do “anonimato” e tornou-se o centro das atenções da vida em casal, ao contrário do que era lá no começo na idade medieval. Os pais ficaram emocionalmente mais sensíveis às necessidades delas e o principal motivo pelo qual enfrentam grandes jornadas de trabalho costuma ser para oferecer melhores condições aos filhos. Hoje o que poderia ser visto há décadas, como a falta de zelo e compaixão pelas crianças, é minimizado por leis e estatutos da criança.

Crianças nos dias atuais têm legalmente garantido o direito de ser, descobrir, errar, falar... a possibilidade de ser mais ativas, ainda que nem todas tenham acesso a esses direitos. É um universo de culturas, onde elas criam e inventam suas brincadeiras. É esse contexto no qual

busco me inserir através desse trabalho, a fim de me aproximar mais do que pensam, dizem e produzem as crianças hoje e com isso reinventar meu trabalho artístico.

3.1 CRIANÇAS COMO TEMA DA ARTE

Em algum momento o famoso conselho de Picasso, “Toda criança é um artista. O problema é como permanecer artista quando crescemos”, surgiu para nós da área artística. E então vem aquela dúvida e nervosismo de como redescobrir aquela criatividade maravilhosa que nos acompanhou durante a trajetória da infância.

O que nos chama a atenção nas crianças é a descoberta que elas têm em relação ao mundo em que vivem, tudo o que é novidade para elas acaba novamente se tornando novidade para nós através do olhar infantil. A criança não se impõe a questões em que adultos ficam presos e que fazem com que perca assim sua autenticidade. Infelizmente, em suma maioria, os adultos se prendem a uma vida de angústia, solidão e medo. Muitos artistas por exemplo, expressaram exatamente isso em suas obras.

A criança tem muito do que os artistas necessitam para produzir, ela brinca e ao brincar imagina, cria, monta, desmonta, desenha, pinta e tudo voltado ao que ela deseja e ao que gosta, sem muita preocupação. É essa espontaneidade tão buscada por muitos, a necessidade de liberdade, de não sentir culpa e preocupação em agradar aos que estão em volta, mas o fato de fazerem o que realmente se sentem bem. O que as crianças têm de espontâneas, os adultos precisam aprender novamente, pois é algo que se perde muito com o passar do tempo e das necessidades de sobrevivência no mundo do trabalho.

Desde quando a criança ainda não era vista como um ser capaz de produzir cultura, ela já era representada por artistas, mesmo que não identificando sua cultura própria. Muitos artistas então buscam referências e inspirações no “ser” infantil para seus trabalhos.

Em “Arte e metáforas contemporâneas para pensar infância e educação”, Luciana Loponte (2008, p.114) faz referência a uma frase de Picasso em que ele diz:

Levamos muito tempo para nos tornarmos jovens. Quando vejo pinturas de crianças, dou-me conta de que só agora posso iniciar meu trabalho de juventude. Quando tinha a idade delas, era capaz de desenhar como Rafael... Mas levei anos para aprender a desenhar como uma criança. (...)

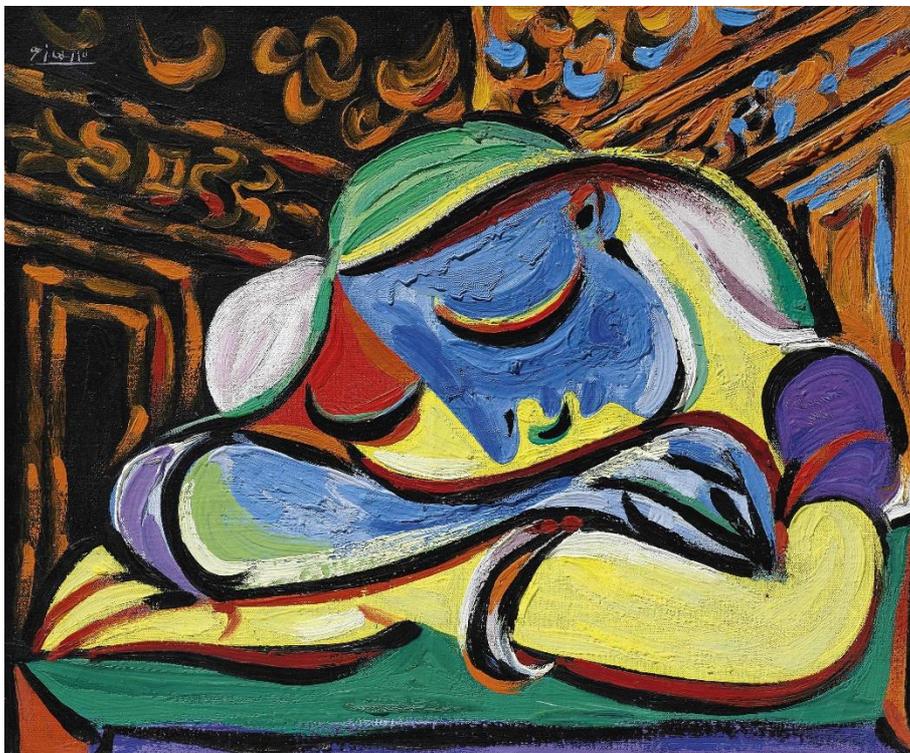


Figura 14: Pablo Picasso, Jeune Fille Endormie (1935)

Fonte: https://en.wikipedia.org/wiki/Jeune_Fille_Endormie

Como começou ao certo o desejo e o reconhecimento de artistas pelas práticas infantis não é possível precisar, mas ao ver essa necessidade que sentiam, é possível notar em muitas obras, mesmo que seja mínima, essa desestrutura do concreto, do imposto para o entendimento dos demais, como podemos ver também na produção de artistas que cito a seguir.

Joan Miró, nascido em 1893, foi um importante pintor, gravador, escultor e ceramista espanhol.

Com suas formas e cores, Miró faz um regresso à infância, com símbolos que fazem uma “passagem” pelo imaginário do mundo dos sonhos e da imaginação.

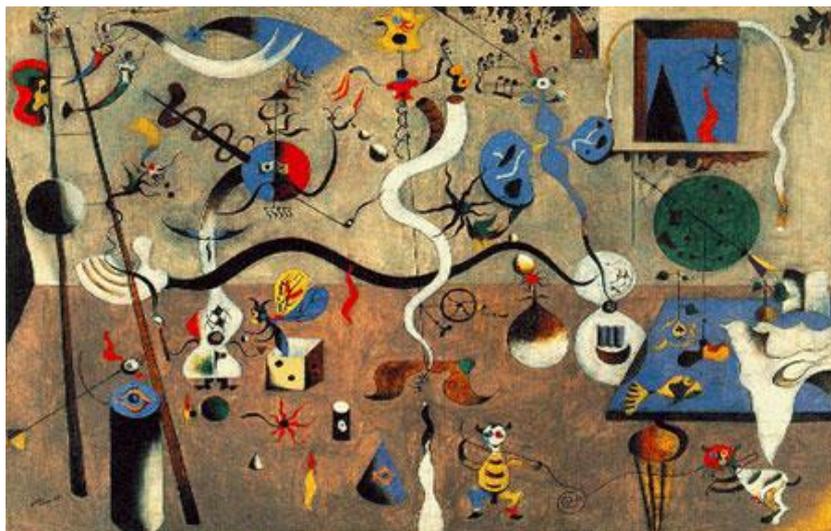


Figura 15: Joan Miró, Carnaval de Arlequin (1924-25)

Fonte: <https://arteeartistas.com.br/biografia-de-joan-miro/>

Lia Menna Barreto, nasceu em 1959. É uma artista plástica brasileira que em suas obras, utiliza a infância ou objetos infantis de uma maneira que causa uma certa estranheza.

Pela forma como ela expõe sua materialidade, muitas vezes utilizando decapitações, desmontagens de objetos infantis, traz uma sensação de “desaprendizado” da infância.

É importante pensarmos o quanto essa sensação de estranheza em relação a suas obras é real. Pela forma como a infância é colocada e romantizada, acabamos esquecendo que, crianças também sofrem, mentem e podem ter atitudes imorais com outras pessoas. Essa desconstrução da beleza infantil mostra isso e que com a chegada da fase adulta, muitas dessas atitudes vão sendo repreendidas fazendo com que ela pense antes de agir e saiba como se comportar ou agir diante de cada situação.



Figura 16: Lia Menna Barreto, Manhã de Sol (1994)

Fonte: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa10795/lia-menna-barreto>



Figura 17: Lia Menna Barreto, Sem título (1993)

Fonte: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra9629/sem-titulo>

As obras trazem peculiaridades em relação à infância, uma traz traços, outra a imaginação e por último a estranheza. Em comum, é notável perceber que muitos artistas se cansam dos assuntos tradicionais tratados na arte, por isso buscam um contato com as ideias extraordinárias e incomuns das crianças. Por exemplo, se pedirmos para uma criança que desenhe algo

relacionado ao seu cotidiano, ela fará traços e esboços muitas vezes não compreensíveis ou não condizentes ao real. Isso não significa que ela não entenda o que esteja acontecendo ao seu redor, mas nos estágios iniciais de desenvolvimento cognitivo as crianças não conseguem representar ainda realisticamente. Vemos isso nas obras citadas acima, a fantasia e o desejo interior se misturam, como em um desenho infantil.

Desenhos infantis são feitos através da imaginação, motivação, sentimentos... tudo em seu desenho pode dizer um pouco sobre suas características. A arte está sempre presente em nossas vidas e algo “pequeno” como um desenho carrega muitas histórias. Podemos, às vezes, considerar irrelevante, algo que para a criança é muito importante, pois até mesmo sem saber, é através do desenho que elas expressam e demonstram muitos de seus sentimentos, sensações e pensamentos sobre o mundo.

4. OS PEQUENOS OLHOS

A infância possui uma energia e criatividade que muitos perdem com o passar do tempo. Na fase adulta precisamos aprender novamente esse “deixar ir”; estudamos, aprendemos e “fazemos arte”, mas se trata do fato de tentar, de se abrir e de ser flexível. É bastante complicado quando pegamos a “mania” de fazer arte que irá agradar aos olhos julgadores e se torna um desafio voltar a descobrir a naturalidade criativa da fase infantil para que seja incorporada na nossa fase do artista adulto. Uma maneira para nutrir esse processo é buscar se reconectar com o eu mais jovem e a experimentação da arte através dos olhos infantis.

Como um exercício prévio para esse trabalho, experimentei solicitar ao meu irmão que realizasse um desenho sobre o que ele queria muito fazer.

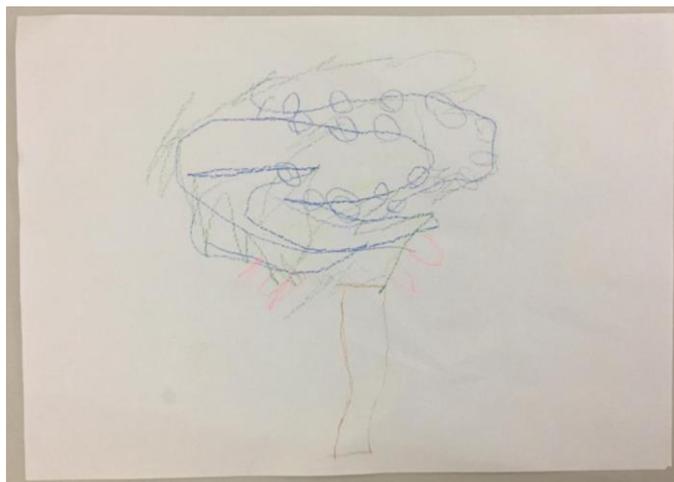


Figura 18: Cristian (irmão da autora), 4 anos, representação de uma árvore de natal (2019)

Fonte: Arquivo pessoal

Ao representar a árvore de natal no desenho, é fácil perceber que Cristian esboça as linhas de uma árvore muito usada nas fases iniciais e não exatamente de uma árvore de natal. Não significa que ele nunca tenha visto ou que não saiba diferenciar, mas foi a forma que ele encontrou de se expressar. Na sua idade é comum ver que os desenhos começam a surgir com uma representatividade de temas específicos e que sua representação muitas vezes é feita de uma maneira que faça sentido para quem ele vá mostrar. Uma árvore comum que ao colocar fios e bolas se torna uma árvore de natal. Ao ser questionado sobre o desenho, ele disse que queria montar uma árvore de natal como no filme que havia visto a pouco tempo.

Com essa pequena experiência, penso no modo como as crianças expõem o que conhece sobre o mundo e principalmente suas vontades.

A partir das pesquisas para entendimento do que gostaria de trabalhar, o processo de produção foi da seguinte forma:

4.1. FOCO INICIAL

A pesquisa baseia-se na experimentação das artes visuais de uma forma relacional para crianças e conseqüentemente, ao expor seus trabalhos, também pela comunidade que participou da exposição não só como espectadora.

Como passo inicial, precisei decidir com quais tipos de crianças trabalharia, se seriam convidadas crianças já conhecidas ou se partiria para escolas e ONGs. Decidi, então, que

crianças de uma escola me trariam uma liberdade maior de apresentação e inclusão da pesquisa que eu gostaria de trabalhar. Mesmo sendo uma pesquisa voltada para o bacharelado, a questão de trabalhar em um ambiente escolar seria uma experiência diferente, tanto para mim como artista, quanto para as próprias crianças.

Optei então pela Escola Municipal Professora Alice Bittencourt de Lima, onde foi escolhida uma sala de aula com crianças na faixa etária de 7 a 9 anos. Ao apresentar a ideia do projeto de pesquisa, a diretora Ana Lia Vilela foi bem receptiva e se empolgou com a ideia, pois nos anos iniciais escolares eles não têm aulas de artes e essa seria uma oportunidade de terem um contato com a mesma de uma forma não didática.

4.2. MATERIALIDADE

Para a realização das obras, escolhi placas no tamanho 40x40cm de MDF, para que se assemelhassem a telas de pintura. Dessa forma, voltando a questão de sair do cotidiano escolar das crianças, elas estariam utilizando um material totalmente diferente do que já estão acostumadas.

A placa de MDF em tamanho de 2,40m x 1,60m foi cortada no tamanho desejado e pintada com tinta verniz acetinada branca em duas demãos, para que pudesse dar melhor acabamento ao objeto.



Figura 19 e 20: Processo de preparação das tábuas (2019)

Fonte: Arquivo pessoal

De início a ideia foi utilizar giz de cera e tinta guache para a produção, mas, depois de verificar os materiais, optei por trabalhar com o giz de cera junto às crianças. O esboço feito com o giz na superfície da madeira daria um acabamento diferente. Porém, a tinta então, teria outro papel mais adiante.

4.3. APRESENTAÇÃO DO PROJETO

Com a ideia, instituição e materiais já resolvidos, o passo seguinte foi a visitação para apresentar o projeto às crianças. Me apresentei como artista, fiz pequenas perguntas sobre o que eles entendiam em relação à parte artística e então apresentei a elas a ideia do projeto. Foram bem receptivas e empolgadas, tudo era novo para eles, desde o momento em que entrei na sala até o momento em que lhes fiz a apresentação.

Participamos juntos de um momento de conversa, onde conheci um pouco delas e elas mostraram seus trabalhos, desenhos e questionaram sobre o que fariam.

Apresentei o projeto para a professora também e estipulei com ela a melhor forma que trabalharíamos com eles.

Como a produção levaria o nome das crianças e seria necessário o registro fotográfico, precisei que pedissem a permissão dos pais e assinassem um documento redigido a fim de não atingir nenhuma das partes envolvidas (anexo p. 38).

Feita essa primeira etapa, começamos então a realizar os encontros de produção na própria escola, durante os horários de aula semanal.



Figura 21: Artista e alunos (2019)

Fonte: Arquivo pessoal

4.4. PRODUÇÃO

No primeiro encontro de produção, fiz mais uma vez uma pequena apresentação do projeto e lhes entreguei as placas de MDF. Por conta do mau tempo, não conseguimos executar os encontros fora da sala de aula, então utilizamos as mesas como apoio e manuseio dos materiais.

Após a entrega das placas, apresentei a eles o que gostaria que fosse feito, pedi então que me contassem uma história através do desenho, que eles desenhassem aquilo que eles achavam que seria importante eu ficar sabendo sobre aquilo que mais gostavam, sentiam, achavam interessante ou tinham um grande sentimento. No primeiro momento ficaram assustados, pois sentiram um certo medo em relação a não saberem o que ou como fazer.

Deixei que pensassem enquanto entregava a eles os gizes de cera. Logo após esse momento percebi que rapidamente eles começaram a desenvolver suas ideias. De tempo em tempo um ou outro me chamava para que pudesse me contar uma parte do que já havia feito.

Desenvolveram-se muito bem nesse primeiro encontro e muitos finalizaram seus desenhos ali mesmo. Não seria necessário então mais do que dois encontros para finalizar.



Figura 22: Processo de criação (2019)

Fonte: Arquivo pessoal



Figura 23: Processo de criação (2019)

Fonte: Arquivo pessoal

No segundo encontro reforcei a informação de que a finalização do projeto seria a exposição. Nenhuma criança havia ido ainda em um museu ou exposição de artes e sentiram importante a ideia de seus desenhos serem expostos.

Alguns alunos finalizaram seus desenhos, enquanto os demais, um de cada vez, me contavam as histórias presentes em seus desenhos. Apresentaram-me lugares, personagens e animais. Cada desenho, por mais parecidos que fossem em alguns aspectos, possuía uma história totalmente diferente. Muitos desenhos se assemelhavam na parte da natureza, desenhavam árvores, flores e clima chuvoso ou ensolarado. Familiares, principalmente irmãos, também apareciam com frequência em seus desenhos, dando a perceber a ligação forte que a criança possui com seu ente. Algumas crianças preferiram desenhar objetos, personagens e

situações com as quais tinham contato ou já haviam passado. Todas envolviam histórias de visões que eles tinham do mundo onde estão vivendo, das vontades que gostariam de realizar, de personagens que gostariam de ser e de sentimentos que conseguiram passar para seu desenho.



Figura 24: Artista e aluna (2019)

Fonte: Arquivo pessoal



Figura 25: Artista e aluna (2019)

Fonte: Arquivo pessoal



Figura 26: Artista e alunos (2019)

Fonte: Arquivo pessoal

Um último encontro rápido feito foi para a entrega de convites da exposição e explicar como seria a realização da mesma.

4.5. FINALIZAÇÃO DA MATERIALIDADE

Após as placas estarem prontas com os desenhos, foi feita a última etapa, a colocação de dobradiças para dar a possibilidade do público mover e manipular as obras. Foram utilizadas 15 dobradiças, montadas de modo que as placas formassem um quadrado, deixando um dos lados livre para abertura do mesmo.



Figura 27: Processo de colocação das dobradiças (2019)

Fonte: Arquivo pessoal

Por último, a impressão dos registros fotográficos em papel foto 13x18cm, para serem expostos juntamente com as obras.

5. EXPOSIÇÃO

A exposição “Arte pelos pequenos olhos” foi realizada fora da escola, no centro da cidade de Prata, Minas Gerais, dia 16 de novembro de 2019, das 14:00hs às 20:00hs. O fato de ser exposto fora do ambiente escolar, trouxe um aspecto importante para o projeto, principalmente para as crianças, algo novo, diferente e fora do cotidiano.



Figura 28: Exposição Arte pelos pequenos olhos (2019)

Fonte: Arquivo pessoal

As obras já finalizadas foram expostas no chão para a mobilidade das mesmas. O público então poderia movê-las, abrir, dobrar... da forma como fosse necessário para o seu momento.

Foram disponibilizados pequenos textos de apresentação e “instruções” sobre a exposição, indicando ao público que se tratava de uma exposição interativa. As tintas que seriam utilizadas no processo foram deixadas à disposição na exposição, com o intuito de que o espectador pudesse também colaborar de forma artística nos objetos.



Figura 29: Exposição Arte pelos pequenos olhos (2019)

Fonte: Arquivo pessoal

A participação nas obras foi de quase 100% dos visitantes, observando, questionando, pintando e dialogando sobre os objetos. Ao olhar os desenhos expostos sentiam a necessidade de querer entender, de querer saber do que se tratava cada história e de querer participar de

alguma forma. Foram disponibilizados textos “explicativos” em algumas partes da exposição e tintas guache. Então, o visitante que se sentisse a vontade poderia estar também trabalhando em cima dos desenhos já prontos, acrescentando algo no desenho ou acabando algum que ainda não estava finalizado. Como não havia pincéis, o público usou os dedos, tendo esse contato com as tintas, como muitas crianças preferem fazer. As obras dispostas no chão, automaticamente, faziam com os participantes tivessem a necessidade de sentar, se ajoelhar e se agachar, algo muito comum e fácil para as crianças, porém, para adultos, algo diferente. Os cubos eram manipulados por eles de forma com que pudessem se encaixar entre eles ou dando abertura para observarem melhor.



Figura 30: Exposição Arte pelos pequenos olhos (2019)

Fonte: Arquivo pessoal



Figura 31: Exposição Arte pelos pequenos olhos (2019)

Fonte: Arquivo pessoal



Figura 32: Exposição Arte pelos pequenos olhos (2019)

Fonte: Arquivo pessoal

6. CONSIDERAÇÕES

Em um primeiro momento, todo o meu pensamento para elaboração do projeto se voltava para a questão de afastamento do adulto com a fase da infância, de como através da arte isso poderia se aproximar. Passei por várias etapas até chegar ao ponto que desejava, o que eu

poderia fazer para aproximar a arte como arte para as crianças e ao mesmo tempo a mim e ao público que participaria futuramente?

A base de tudo foram as histórias, elas movem tudo o que existe dentro de nós. Crianças criam e imaginam através das histórias narradas para elas próprias ou para se expressar aos adultos. Ouvir cada história trouxe um pouco disso, expressar aquilo que sentimos e pensamos é necessário e crianças conseguem fazer isso sem se importarem com o julgamento ou entendimento alheio. Ela entendeu e se expressou, isso que importa a ela.

O mesmo deveria acontecer com adultos na área artística, mas a necessidade de agradar ao que é imposto pelo mundo, muitas vezes trava as pessoas, cada vez mais esperando um julgamento positivo. A exposição trouxe essa liberdade, estar ali e poder se expressar como as crianças fizeram, colaborar de forma que o seu interior fosse colocado para fora. A experimentação para todos os envolvidos foi uma novidade.

Todo o conjunto do trabalho artístico, como a produção, encontros, exposição, objetos e interação do público, formam a minha obra como artista, não se trata apenas do desenho feito, dos objetos expostos ou da intervenção feita, mas da ação de encontro das pessoas na escola e exposição, promovendo trocas entre elas e a mim. Desde o meu primeiro contato com a materialidade, aos encontros com os participantes, a curadoria da exposição e o contato com o público.

O contato com as crianças me trouxe curiosidades, o fato de na primeira visita muitos acharem que não desenhavam bem e poderia não agradar. Porém, logo depois, cada criança produziu um desenho totalmente único e cheio de elementos, me fazendo pensar o quanto nós como artistas precisamos disso, dessa questão de deixar de lado os questionamentos em relação ao externo, para nos dar a oportunidade de produzir algo que venha de dentro e que será único. Foi um projeto e um contato que pretendo por outras vezes estar levando à comunidade e que possa ser ponto de partida para um estudo mais aprofundado. Entender o que as crianças conseguem expressar através de cada elemento desenhado em seus desenhos e o quanto isto pode ser saudável, tanto para eles quanto para adultos. Na cidade do Prata, este contato visual e palpável com a arte é necessário, pois a cidade ainda possui um público pequeno interessado e envolvido com práticas artísticas, mas acredito que à medida que a comunidade presenciar mais essa cultura abrirá novos olhares e sentimentos em relação às artes visuais.



Figura 33: Exposição Arte pelos pequenos olhos (2019)

Fonte: Arquivo pessoal



Figura 34: Exposição Arte pelos pequenos olhos (2019)

Fonte: Arquivo pessoal



Figura 35: Exposição Arte pelos pequenos olhos (2019)

Fonte: Arquivo pessoal



Figura 36: Exposição Arte pelos pequenos olhos (2019)

Fonte: Arquivo pessoal

7. REFERÊNCIAS

BOURRIAUD, Nicolas. **Estética Relacional**. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

HAUPTMAN e SIEGEL. **A Arte Relacional e a Participação do Público: Aproximações Poéticas do Período de 1960-70 Com A 27ª Bienal de São Paulo**. Revista de Ciências Sociais, Londrina, v. 21, n. 2, p. 260, 2016. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/27998/pdf>.

Acesso em maio de 2019.

LEGRAMENTE, Niura. **Correntes contemporâneas da história da arte e da estética**. Tese (Doutorado em Artes Visuais) – Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2014. Disponível em: <https://slideplayer.com.br/slide/333950/>. Acesso em abril de 2019.

LOPONTE, Luciana Grupelli. **Arte e metáforas contemporâneas para pensar infância e educação**. Revista Brasileira de Educação, Rio Grande do Sul, v. 13, n. 37, p. 114, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v13n37/10.pdf>. Acesso em setembro de 2019.

MATOS, Kleyson. **Os Parangolés de Oiticica**. 2012. Disponível em: http://lounge.obviousmag.org/haraquiri_sertanejo/2012/08/Os-Parangoles-de-Oiticica-.html. Acesso em maio de 2019.

PAZ, Carolina. **Os pontos problemáticos e delicados da arte participativa**. In *UNCOOL ARTIST*. 2018. Disponível em: <https://us19.campaign-archive.com/?u=ab6f4363df14c1eaf2e64dcae&id=fb5db66975>. Acesso em junho de 2019.

PAZ, Carolina. **Social, participativa, relacional, engajada**. In *UNCOOL ARTIST*. 2018. Disponível em: <https://us19.campaign-archive.com/?u=ab6f4363df14c1eaf2e64dcae&id=9dcf702cd3>. Acesso em junho de 2019.

8. REFERÊNCIAS CONSULTADAS

AIRES, Michel. **Nietzsche: por que devemos nos tornar criança?**. 2012. Disponível em: <https://filosofonet.wordpress.com/2012/08/07/nietzsche-por-que-devemos-nos-tornar-criancas/>. Acesso em junho de 2019.

ARCHDAILY. **Ama'r Children's Culture House**. Disponível em: <https://www.archdaily.com/388629/ama-r-children-s-culture-house-dorte-mandrup>. Acesso em junho de 2019.

ARCHITIZER. **Ama'r Children's Culture House**. Disponível em: <https://architizer.com/projects/childrens-culture-house-amar-1/>. Acesso em junho de 2019.

ARCHITONIC. **Ama'r Children's Culture House**. Disponível em: <https://www.architonic.com/en/project/dorte-mandrup-arkitekter-ama-r-children-s-culture-house/5103235>. Acesso em junho de 2019.

BENATTI, Nayara. **Arte Relacional e Participação na Vida Urbana**. In Anais do Flash! 6 transpesquisa: seminário nomads.usp de pesquisas em curso. 2006, São Paulo. Pp. 1-6. Disponível em: http://www.nomads.usp.br/documentos/eventos/flash/flash06/Nayara_Benatti_art_F6.pdf. Acesso em outubro de 2019.

EBIOGRAFIA. **Lygia Clark**. Disponível em: https://www.ebiografia.com/lygia_clark/. Acesso em abril de 2019.

EDWARDS, Heather. **Galeria Disney**. Disponível em: <http://heathertheurer.com/galleries/disney/>. Acesso em junho de 2019.

PÁGINA 22. **Arte Relacional**. Disponível em: <http://pagina22.com.br/2011/04/29/arte-relacional/>. Acesso em maio de 2019.

POMPEU, Larissa. **Arte Relacional e a performance**. Disponível em: <http://teoriadaarte-t2.blogspot.com/2013/07/arte-relacional-por-larissa-pompeu.html>. Acesso em outubro de 2019.

PORTAL EDUCAÇÃO. **Como a criança era vista e tratada desde a época medieval até o século XX?**. São Paulo. Disponível em: <https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/educacao/como-a-crianca-era-vista-e-tratada-desde-a-epoca-medieva-ate-o-seculo-xx/26547>. Acesso em junho de 2019.

WIKIPÉDIA. **Alix Lambert**. Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Alix_Lambert. Acesso em maio de 2019.

WIKIPÉDIA. **Angela Bulloch**. Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Angela_Bulloch. Acesso em maio de 2019.

WIKIPÉDIA. **Philippe Parreno**. Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Philippe_Parreno. Acesso em maio de 2019.

WIKIPÉDIA. **Jeune Fille Endormie**. Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Jeune_Fille_Endormie. Acesso em maio de 2019.

9. ANEXO

Em anexo, termo de consentimento para participação e uso de imagens das crianças.

TERMO DE CONSENTIMENTO

Olá, me chamo Alessandra Andrade S. Nunes, sou estudante de Artes Visuais pela Universidade Federal de Uberlândia e este é um convite especial para seu (sua) filho (a) participar voluntariamente do projeto: “**ARTE PELOS PEQUENOS OLHOS**”. Por favor, leia com atenção as informações abaixo antes de dar seu consentimento para participação no projeto.

Arte pelos pequenos olhos é um projeto artístico relacional que faz parte da conclusão do curso de Artes Visuais pela Universidade Federal de Uberlândia. Trata-se do envolvimento de crianças e artista para o desenvolvimento de obras a partir de um processo de criação baseado em contação de histórias. O intuito é a aproximação da infância e da criatividade.

O processo do projeto trata-se de encontros na própria escola, não sendo necessário o deslocamento da criança fora do horário de estudo. Será uma obra produzida coletivamente entre artista e crianças, através de desenhos na superfície de objetos artísticos lúdicos que poderão ser manipulados de diferentes formas, movimentando as histórias para além da palavra falada.

Os resultados deste processo serão expostos em Prata, Minas Gerais, sendo informado aos responsáveis para visitação.

Os envolvidos nesta pesquisa não terão nenhum custo com sua participação.

A participação neste projeto é *voluntária*, tendo plena e total liberdade para desistir da pesquisa a qualquer momento, sem que isso acarrete qualquer prejuízo.

Pais ou tutores legais, autorizam a participação do menor neste projeto?

Sim, autorizo a participação. Não autorizo a participação.

Para realização da apresentação do projeto, poderão ser usadas imagens registradas durante a produção do mesmo e da exposição, onde os participantes farão parte.

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

Neste ato, e para todos os fins de direito, autorizo o uso da imagem de meu (minha) filho (a) para fins de apresentação do projeto artístico “**ARTE PELOS PEQUENOS OLHOS**”, em caráter definitivo e gratuito, constante em fotos.

As imagens serão usadas exclusivamente para finalidades acadêmicas e poderão ser exibidas: parcial ou total, em apresentação e publicações, assim como disponibilizadas no banco de imagens resultante da pesquisa e na internet e em outras mídias futuras, fazendo-se constar os devidos créditos ao fotógrafo.

Pais ou tutores legais, autorizam o uso de imagens fotográficas do menor na exposição e apresentação deste projeto?

Sim, autorizo. Não autorizo.

Em caso de autorização, por favor, preencher os dados abaixo:

Nome do participante: _____

Assinatura do responsável: _____

RG do responsável: _____

CPF do responsável: _____

Por ser esta a expressão de minha vontade, nada terei a reclamar a título de direitos conexos a imagem de meu (minha) filho (a) ou qualquer outro.

Prata, _____ de _____ de 2019.

Assinatura